

Cavaleiro eleito dos Nove - Grau 9º

Rizzardo da Camino

Os Graus precedentes, 8, 7, 6 e 5, são outorgados por comunicação reencetando-se a Iniciação com o Grau Nove e suspendendo-a nos Graus seguintes, 10, 11, 12 e 13 para concluir o "feixe" dos Inefáveis, com o Grau 14.

Trata-se de um Grau complexo, vez que envolve o aspecto místico israelítico-salomônico-hiramítico aliado à mitologia, com a análoga lenda de Osíris, além de aspectos astrológicos, cabalísticos, sociais, morais, religiosos, enfim, a gama quase infinita de interesses intelectuais que só podem interessar ao Maçom estudioso, aquele inclinado a ascender a verdadeira Escada de Jacó.

A Loja denomina-se de "Capítulo", tratando-se de um Grau Capitular Vermelho.

As máximas do Grau são: "Sê corajoso contra as tuas próprias fraquezas"; "Sê corajoso para defender a Verdade".

A Loja apresenta-se forrada com panos negros semeados com lágrimas prateadas e representa uma das Câmaras do Templo de Salomão.

Na parte central situa-se o Altar dos Juramentos, coberto com um pano negro, também com lágrimas onde estão o Pentateuco (nome dos cinco primeiros livros da Bíblia), os Estatutos, as Constituições, duas Espadas cruzadas e um Punhal.

Nove grandes luzes das quais, oito formarão um octógono (polígono formado com oito lados), em torno do Altar dos Juramentos e a nona, feita com cera amarela (cera pura de abelhas) ficará entre esse Altar e a entrada do Oriente.

Essa Câmara é considerada "secreta", onde Salomão reunia o Soberano Tribunal; na época da lenda encontrava-se presente Hirão, rei de Tiro.

O Capítulo é formado, no mínimo, de nove Mestres Eleitos; há, apenas, o Segundo Vigilante que toma o nome de Stolkin e recebe o título de Inspetor. O Orador ou Cavaleiro da Eloqüência, é Zabud, filho do profeta Natan, que foi o Primeiro-Ministro do rei Salomão; o Hospitaleiro é Ahishar; o Secretário, o sacerdote Zadcco que em hebraico significa "O Justo"; o Tesoureiro é Joabert (foi um dos eleitos que matou a um dos assassinos de Hiram Abif).

O Grau possui uma Bandeira confeccionada em veludo negro, tendo no seu centro um braço erguido que segura um punhal; sobre o braço as letras V.Ã.M. (*Vincere aut Mori*) e abaixo, o nome do Conselho do Oriente e do Vale. Na parte superior, as letras: A.: U.: T.: O.: S.: A.: G.: (*Ad Universam Terrarum Orbis Summum Architecti Gloriam*); na parte inferior a inscrição: "Supremo Conselho para a República Federativa do Brasil".

A "Faixa" é larga e negra; no parte inferior, vêem-se nove rosetas vermelhas distribuídas, quatro da cada lado e uma na extremidade, onde pende a Jóia que consiste em um Punhal de prata com o cabo de ouro. No centro da Faixa um crânio sobre duas tíbias cruzadas, um Punhal a as letras V.: A.: M.: (*Vincere aut Mori*).

Todos os bordados são confeccionados com fios de prata.

O Avental é de pele branca, forrado em vermelho e bordado em negro; na Abeta é bordado um braço que segura um Punhal; no quadrado, um crânio com as tíbias cruzadas, circundado de três lágrimas, tudo confeccionado em negro.

O Muito Poderoso Mestre representa o Rei Salomão; o Trono é sob um Dossel confeccionado com panos vermelhos e forrado com arminho (pelo de um mustelídido, alva, macia e preciosa). Na parte central, desenhado, o "Olho" tradicional.

O Trono do Primeiro Vigilante está vago o coberto com um pano negro.

O Muito Poderoso Mestre empunha uma Espada.

Na Lenda, Salomão estava presidindo, junto com Hirão, rei de Tiro, a assembléia

dos Mestres, quando o rei de Tiro com veemência exigia providências no sentido de ser apurada a morte do Artífice.

O rei de Tiro exigia a localização e prisão dos assassinos para que fossem submetidos a julgamento.

Na expectativa da discussão, eis que penetra, inopinada e indevidamente, no recinto, um desconhecido que, misteriosamente, revela conhecer o local onde os assassinos estavam homiziados.

O desconhecido é preso, algemado, porém Salomão resolve ouvi-lo. A Assembléia seleciona nove Mestres para que encontrem os assassinos, sendo nomeado chefe Stolkin; Joabem e Zerbal também fazem parte da comitiva.

Na manhã seguinte, ao nascer do sol, o Grupo põe-se à caminho e perto da cidade de Jopa, encontram a caverna.

Na entrada da caverna vêem um homem adormecido tendo a seus pés um punhal; Joabem, emocionado, toma o punhal e o crava no peito do desconhecido, matando-o; após, lhe corta a cabeça e conduz essa à presença de Salomão.

Apesar de reconhecida a cabeça como pertencente a um dos Companheiros assassinos Salomão é tomado de indignação e censura Joabem, determinando fosse o mesmo submetido a julgamento porque só a ele pertencia o direito de julgar e justificar os assassinos; Salomão reprova o sentimento de vingança que em nenhuma circunstância seria admitida.

Os companheiros do Grupo intercedem a favor de Joabem, a quem apresentam como impulsivo e cioso de seus deveres, e Salomão acaba por perdoá-lo, premiando a todos e nomeando-os com o título e honrarias de Mestres Eleitos dos Nove.

O assassino justificado por Joabem é denominado no Ritual com o nome de Abiram, título que significa: "assassino por excelência", mas é sempre, o mesmo dos Jubelos do Grau Três.

Abiram representa a ignorância, a Liberdade oprimida, a corrupção e o crime.

Quando os Mestres Eleitos atingirem a caverna, o Sol estava no ocaso; no firmemente, apenas, uma estrela iluminava o local, palidamente.

A dificuldade de penetrar no caverna, seja pela escuridão, seja porque coberta de espinhos, representa os riscos e o trabalho que temos todos nós de penetrar em nós mesmos, para descobrir os sentimentos negativos que devem ser extirpados, retirados do local, submetendo-os ao "julgamento", ou seja, esclarecer como devem desaparecer para que nos sintamos livres e purificados.

As terras más onde, lançadas, as sementes não podem vicejar, ficando sufocadas e perecendo, como muito bem explanou Jesus na parábola do Semeador.

Hiram representa a inteligência que percebe a Verdade; a Liberdade sem a qual a inteligência é impotente, ou seja, a compreensão de Verdade através da Razão.

Qual era o dever de Stolkin? Procurar e vencer os assassinos de Hiram.

Stolkin será cada um de nós, no momento em que nos dispomos à Grande Busca; a busca de uma finalidade gloriosa: encontrar e vencer os assassinos que estão em nós, aqueles que "matam" as Virtudes e nos fazem homens inúteis e nocivos.

A Caverna representa a Consciência Humana, a parte que é invólucro; a abóbada, sempre escura, representa o nosso íntimo, consciência ou inconsciência. Para vencer os assassinos devemos sobrepujar as dificuldades representadas pelos espinhos, e penetrar em nós mesmos. Do lado de fora nada podemos realizar.

É preciso que a Luz penetre na caverna para que se ilumine, pois, além de se encontrar o assassino, descobre-se a fonte de água cristalina.

O desconhecido, o anônimo, o misterioso que guiou os Mestres Eleitos, significa o trabalho realizado pelos outros, do qual devemos estar atentos para retirarmos as lições que nos serão úteis.

O caminho até a caverna fora difícil e cheio de perigos; o trabalho pertinaz também

deve vencer todas as dificuldades.

A descrição de como Joabem matou Abiram nos desvenda que, apesar de serem abatidas a ignorância, a liberdade cerceada a corrupção e o crime, ossos renascem incessantemente- a execução da sentença de morte visa a libertação do homem, apesar de a ignorância ser pertinaz; um dia, a vitória sorrirá a todos, pelo banimento da ignorância do mundo.

Quando os Eleitos dos Nove principiam os seus trabalhos?

Evidentemente, na primeira hora da noite, hora em que se abriu o germe da Inteligência humana, começando, então, a luta contra a ignorância.

Quando nada mais houver que fazer dentro da Caverna, o trabalho dos Eleitos dos Nove, cessa.

A eterna luta contra a ignorância, pela causa de todos os que estão mergulhados nas trevas; pela causa da civilização contra a barbárie, nossas Espadas devem permanecer desembainhadas.

Feito esse preâmbulo, ordena o Muito Poderoso Mestre: "Estão abertos os nossos trabalhos; embainhai vossas Espadas".

* * *

Diz a Lenda que a conversação com o desconhecido durou pouco.

De fato, a Razão não necessita de longos diálogos, pois lhe basta dar a informação para que o resto do organismo obedeça.

O desconhecido oferecia-se para servir de guia. Não bastavam a notícia e a descrição; a Razão toma a si o encargo de dirigir.

Quando o homem render-se-á à Razão, deixando os preconceitos múltiplos, materiais e corriqueiros, para segui-la e alcançar o objetivo de sua vida?

O homem teima em confiar em sua Inteligência, quando essa, apenas, cria os problemas; teima em não saber que é

a Razão quem soluciona os problemas criados pela Inteligência!

Todos os presentes, continua a Lenda, ofereceram-se para igual empenho ou seja, para ir em busca dos assassinos.

Isso é muito comum; quando alguém apresenta-se na condição de líder todos querem usurpar da mesma condição.

Todos seguimos, como primeiro impulso a liderança.

O desconhecido ou nosso "EU" passa a adquirir instantaneamente, opositores, pois todos pretendem superá-lo e sonhar com o êxito do seu trabalho; são os nossos múltiplos sentimentos representados pelos noventa ou mais Mestres, que se põem a campo para diminuir e desvalorizar o trabalho da Razão, ou do nosso "Eu".

Salomão, porém, lança a sorte e dos noventa, apenas escolhe nove.

Evidentemente, temos aqui um problema numérico; saber por que Salomão fixou o número nove.

Não cabe aqui o estudo sobre o número nove já tantas vezes referido neste trabalho; nove Mestres, mais o desconhecido somariam DEZ, o número perfeito, símbolo de Deus.

Sempre, devemos somar as nossas possibilidades com mais "um" que é a presença obrigatória, que é o "desconhecido", que é a Razão, o nosso "Eu", enfim, o Grande Arquiteto do Universo, Deus.

Com a alegórica representação da Lenda, a Maçonaria dá uma lição aos Neófitos de como pode um verdadeiro Maçom, colher a oportunidade que lhe é apresentada de possuir a coragem de "matar" um assassino, mas não como ser humano, como semelhante; será um assassino encontrado na "Caverna" de nossa própria consciência; a supressão do defeito, do erro e da ignorância.

Os "golpes de punhal" que a Maçonaria pede aos seus adeptos, são endereçados a pequenas coisas triviais: uma pequena parte do tempo; a supressão de alguns prazeres; um óbulo para a causa geral. São essas pequenas perdas em benefício do todo.

A Maçonaria faz poucas exigências; dentro do torvelinho em que as grandes cidades estão imersas, a Maçonaria não tem vigilância sobre o comportamento social de seus Membros; o que deseja é apenas algumas horas de convívio semanal; pequena contribuição em dinheiro e dádiva de pequeno esforço na execução de trabalho.

Pouco exige mas dá muito em troca.

Os Candidatos deverão prestar o juramento do Grau, como é prestado nos demais Graus, uma constante convencional, imutável, mantendo a tradição, tanto que a fórmula, ainda, contém a linguagem curiosa medieval:

"Juro cumprir fielmente todas as obrigações deste Grau e sacrificar aos manes de Hiram toda e qualquer infidelidade, infração e transgressão. Se eu tiver a desgraça de faltar ao meu juramento, consinto em ser imolado. Que meus olhos, vazados por ferro em brasa, sejam privados da luz; que meu corpo seja entregue aos abutres, que minha memória seja execrada por meus Irmãos. Assim seja."

Esse, como outros juramentos, motivaram cruel crítica de parte, principalmente da Igreja; palavras tomadas no sentido real quando, evidentemente, não passam de simbólicas.

Os "manes" de Hiram significam a sua "alma"; a sua presença e memória.

A infidelidade, a infração e a transgressão, não serão, propriamente à personalidade de Hiram Abif, mas, ao que ele significa dentro da estrutura arquitetônica espiritual e social da Maçonaria, tendo como causa última a conclusão da construção do Grande Templo que somos nós mesmos.

Ser imolado é ser banido da Instituição; expulso de uma Ordem Maçônica, desligado, enfim, deixado de ser considerado elo da mesma Corrente.

Para que isso possa acontecer, far-se-á necessário subtrair o vazamento dos olhos por meio de um ferro incandescente, simboliza deixar de estar em contato com o perjuro, o que equivale a deixar de alimentá-lo com as instruções que constituem o elemento de progresso até alcançar a última meta.

Os "abutres" representam o vulgo profano, o "lobo do homem" que atua sem os conhecimentos, sem a compreensão, tolerância é amor fraterno.

A lembrança de uma ação perjura, obviamente, induz que os Irmãos repilam qualquer sentimento de perdão para com o perjuro.

No entanto, o juramento não contém a perpetuidade; pode haver reabilitação, como sucede em múltiplos casos.

Os Cavaleiros Eleitos dos Nove têm missões a cumprir; não são tarefas comuns, materiais; não são trabalhos manuais, operativos, enfim, são os Maçons preparados para se oporem aos programas sociais imbuídos de filosofias materialistas.

Encontrar a Verdade será uma das principais tarefas; a Verdade simboliza, aqui, conhecer-se a si mesmo, descobrir o que na realidade é o homem.

Há períodos de combate em benefício da Família e da Humanidade.

Cada novo Cavaleiro Eleito dos Nove, terá ampla liberdade de consciência; poderá emitir sua própria opinião, mas sempre, respeitando as decisões das Autoridades Maçônicas, ou seja, obedecendo à hierarquia; as decisões de uma Loja sempre são justas e legais; no debate, a opinião particular serve para elucidar; será uma contribuição, mas a decisão final exigirá respeito e acatamento.

É por isso que a Maçonaria sobrevive e vence o tempo. É imperioso, nos atuais tempos, que o Maçom deposite sua plena confiança na Instituição; os inimigos da Maçonaria já não dispõem de prisões, armas e meios coercitivos para subjugar o Maçom, mas usam, em grande escala, da corrupção.

A formação de um Maçom há de torná-lo um vencedor; quando conquistada pelo seu valor e capacidade uma posição de mando na Sociedade, ele deverá provar que é um caráter incorruptível; assim a Maçonaria terá nele concluído o seu trabalho; a honestidade, a justiça e a firmeza de decisões, a tolerância e o amor fraterno serão sementes que a Maçonaria lançou em terra fértil. Será o prêmio que os componentes da Loja de onde emergiu aquele bom Maçom receberão pelos longos trabalhos executados no decorrer de anos de sacrifício e destemor.

Investidos os Candidatos no Grau de Cavaleiros Eleitos do Nove, o Irmão Stolkin lê os deveres que os demais Membros da Loja contraem para com os Neófitos:

"Prometemos a estes Irmãos recentemente eleitos, nunca abandoná-los em qualquer trabalho empreendido de acordo com os preceitos maçônicos.

Nada lhes devemos em interesse pessoal; devemos-lhes, sim, o socorro de nossos braços, de nossa influência, de nosso trabalho e auxílio, quando agirem num interesse humanitário social. Quando um irmão for investido em uma função pública, nós nos empenharemos em sustentá-lo, se proceder corretamente e em adverti-lo, se se desviar do bom caminho. Quando um irmão sofrer, no mundo profano, por causa de sua fidelidade maçônica, devemos-lhe todas as nossas forças para defendê-lo".

Essa declaração, que não é juramento, revela a disposição protecionista da Loja; os Membros da Instituição jamais deixarão de sentir uma obrigação para com os seus filiados, posto, ainda esta disposição de amor fraterno seja utópica.

O ensino do Grau objetiva a bravura: sê bravo contra tuas próprias fraquezas; sê bravo para defender a Verdade.

A Maçonaria pretende orientar os seus Adeptos demonstrando como devem se conduzir na vida real; é a evidência de necessidade de uma autofiscalização do comportamento social.

O homem, ao agir, embora pense estar fazendo o bem, expõe-se a praticar o mal; às vezes, o ideal abraçado é fruto do egoísmo e produz erros; é preciso distinguir o bem do mal.

O sentimentalismo maçônico é demonstrado com muita demência, porém, dentro das Lojas; fora delas, o Maçom está sujeito a agir tomando o exemplo do homem profano; se esse é corrupto, o bacilo que é virulento, lhe ocupa, imediatamente a mente com resultados funestos.

A censura e a crítica são sentimentos muito comuns aos Maçons; prontos a apontar e exigir, esquecem-se de si mesmos e nada produzem; a crítica deve ser, sempre, construtiva e para demonstrar que é verdadeira, a ação do crítico não deve dar lugar a qualquer censura.

Aplaudir o Direito e apontar o erro tem sido o comportamento não só da Maçonaria, mas de todos.

Ninguém preconiza a injustiça, a opressão a avareza ou a inveja! Porém quem combate aos injustos, aos opressores, aos avarentos e aos invejosos?

Todos falam com indignação, da concupiscência e da infâmia! Quantos, entretanto, são covardes diante de um sacrifício, do menor prazer; avarentos, se lhes pedir a menor parcela de seus bens. Dir-se-à com razão que procurem ocultar a consciência em um invólucro de palavras.

A vida íntima; os sentimentos secretos; as ações ocultas, quem as fiscalizará? Será o próprio Maçom; daí o valor que se deve dar à primeira máxima dos Eleitos dos Nove: "Sê bravo contra tuas próprias fraquezas".

A Verdade é um bem que merece proteção; parecerá infantil conceber que a Verdade, ou seja, desde que a Razão começou a amar, apresenta-se cada vez mais frágil.

A Verdade é uma instituição complexa e a soma de múltiplas Verdades; Verdades conhecidas existentes e Verdades ainda não desvendadas, mas sempre e ansiosamente

esperadas. Todos amam a Verdade, mas poucos a defendem. Em todo campo, individual, familiar, social, político, operacional, enfim, em toda a atividade humana procura o homem de formação mesquinha e insuficiente, sobrepor-se à Verdade e pretende ele ser a Verdade; uma Verdade por ele construída, obviamente, distorcida, torpe e inapropriada. E o fruto somado do egoísmo e do comodismo. Essa atitude a Maçonaria combate sem tréguas, porque aspira que a Verdade seja proclamada, sempre, em qualquer circunstância e em qualquer tempo, sem preocupação de conseqüências.

O poder atrai a todos os homens, há quem se submeta ao poderoso tornando-se servil; há o que se torna poderoso e quer submeter aos seus caprichos os seus semelhantes.

Entre as várias modalidades de um poder, há o econômico - o Maçom rico corre o risco de exigir reverência pelo seu poder econômico.

É uma atitude quase normal que encontramos em todos os setores e, infelizmente, brota também na Maçonaria.

Lutar contra isso exige muito desprendimento, porém, o combate deve existir e o afortunado economicamente deve conscientizar-se de que os bens materiais, apenas são um acréscimo às suas virtudes; ele deverá mostrar-se, portanto, mais humilde que os demais e buscar meios de amenizar o sofrimento através dos frutos que seus bens poderão produzir.

É trabalho muito difícil que exige bravura!

Há, finalmente, uma posição de privilégio que também pode conduzir a um comportamento errado os que são dotados de conhecimentos superiores ao nível comum.

Os que conquistam pelo seu saber posições de destaque; os que são admirados pela sua cultura, brilhantismo e sabedoria.

Esses correm o risco de se tornarem vaidosos e petulantes; tudo lhes será fácil e tudo conquistam, porém com o sacrifício dos demais humildes.

Eles encontram, de imediato, fortes reações; nem sempre o Maçom comum recebe bem o melhor dotado pela Natureza e acontece que aquela a inveja provoca resistência na primeira oportunidade, por motivos os mínimos e destituídos de fundamentos; os mais brilhantes são ofuscados e contrariados e, desiludidos, afastam-se.

Controlar esse comportamento é tarefa ingente para um ingente; a tolerância e a admiração devem ser postas, logo, em Prática para o desenvolvimento dos demais; os menos dotados é que devem aperfeiçoar-se e subirem e não, os inteligentes, descerem ao nível de maioria.

Tem sido esse problema um dos mais sérios que as Lojas enfrentam e pelo afastamento dos mais capazes, torna-se a Maçonaria, intelectualmente, de nível abaixo das suas necessidades.

Os mais capazes deveriam, sempre, ser guindados aos postos de maior responsabilidade.

"A Maçonaria estimula o pensamento e o talento de cada um. Daí, resulta que os homens de valor nela estão, sempre, em evidência; daí resulta que, inevitavelmente, ela pode servir de instrumento à ambição, que não será legítima se for desonesta e que será útil se for modesta. Entretanto, não se pode negar que onde começa um simples impulso de ambição pessoal, aí começa, também, a desfalecer o Espírito Maçônico.

Existe uma certa oposição, de parte de Maçons menos avisados, dentre os quais, alguns dirigentes influentes que alegam, equivocadamente, que a Maçonaria deve contentar-se com o estudo dos Graus Simbólicos, isto é, dos três primeiros Graus, sem, porém, compreenderem que nos primeiros Graus, a crítica comportamento humano, não é feita com o conhecimento haurido das grande Lições dos Graus Superiores."

Em época de eleições maçônicas, surgem auto-candidaturas, usando-se a desculpa "democrática" de que todos têm o mesmo direito de concorrerem aos elevados cargos.

A Maçonaria preconiza a Democracia, porém, uma Democracia dentro de uma conceituação condizente com as necessidades do mundo atual.

A Democracia não é um instrumento "nivelador"; ela comporta, e com muita razão, a seleção; os dirigentes sempre serão os mais capazes e isso garantirá uma atuação correta e progressista.

A vaidade, sempre, descamba para o egoísmo e para atingir a meta de um ideal inicialmente honesto, o candidato procura derrotar a qualquer custo o concorrente.

Frequentemente, os escolhidos não são os mais capazes e por isso, a nossa Instituição não apresenta um progresso condizente com o que preconiza. Houve quem escrevesse: "A Maçonaria é uma Instituição perfeita, formada por homens imperfeitos"!

Cabe a nós, os de visão mais profunda, influirmos nos demais para que valorizem aqueles que, realmente, são os mais capazes e que o conhecimento não seja, apenas, um item de um programa, mas uma realidade.

"Toda vida útil é curta, dure embora, um século; mas a vida do homem laborioso é sempre longa.

O trabalho prova a verdadeira coragem e encerra os verdadeiros prazeres. Aquele que não cultivar a Inteligência faz de si mesmo um animal incapaz de se ocupar de outra coisa a não ser daquela em que consiste o destino dos animais.

Tende, pois, o bom senso de procurar a Felicidade onde ela está. Nisso consiste a sabedoria que Deus, o Grande Arquiteto do Universo, legou aos homens e cujas verdades ninguém poderá ouvir sem profunda admiração".

Assim, conclui a filosofia do Grau Nove. Trata-se de um Grau que incentiva o Maçom a uma vivência consciente, na busca de sua integridade moral para aplicá-la à sua profissão e ao desempenho de sua "Arte Real", entre os seus Irmãos e os seus Familiares.

Um cidadão do Mundo, onde a Verdade se esconde, envergonhado pelo que presencia. Um Mundo melhor, é aquilo a que a Maçonaria aspira.

Encerradas as recomendações, tem lugar o fechamento da Loja. Seu encerramento é simples e rápido.

Os presentes estendem ao Muito Poderoso Mestre as suas Espadas, em sinal de respeito e obediência, numa comprovação de que estão dispostos a lutar pela causa dos que estão mergulhados nas trevas; pela causa do ensino e de sua luta contra a ignorância.

A ordem da partida é dada com este última advertência.

"Lembrai-vos, sempre, de Lei do Silêncio e do Dever do Trabalho".